

Número Especial

120 anos Fundação Visconde de Cairu

Juro que vivi

Antônio Carrera Trigo

Fundação Visconde de Cairu, Salvador – BA, Brasil

O inesquecível e genial Raul Seixas – nosso eterno "maluco beleza" – em uma de suas mais célebres composições, afirmava que embora tivesse nascido há mais de 10.000 anos atrás, não tinha nada nesse mundo que ele não soubesse demais. Ao contrário de Raul, não nasci há tanto tempo, e confesso: há muitas coisas que ainda sei de menos. Contudo, quando se trata da Fundação Visconde de Cairu, posso afirmar, com segurança e emoção, que vivi e presenciei de perto grande parte de sua história ao longo dos últimos 51 anos.

Minha relação com a Cairu é profunda e indissociável. Iniciei minha trajetória na instituição por meio da indicação de um colega de trabalho, em meados de março de 1974. Embora minha carteira de trabalho tenha sido assinada oficialmente no dia 1º de abril daquele ano, minha jornada começou antes mesmo disso.

Lembro-me com nitidez do dia em que fui me apresentar para pleitear a vaga. Naquele instante, o professor Almir Vacarezza conduziu-me até uma sala de aula repleta de alunos. Sentou-se junto deles e, sem qualquer aviso prévio, entregou-me o programa da disciplina e disse: "Dê aula para a turma". Cerca de quarenta minutos depois, voltou-se para mim e completou: "Quando terminar, vá até a Diretoria para acertarmos os detalhes e assinarmos sua carteira." E assim começou minha longa caminhada.

Naquela época, não contávamos com data show, retroprojektor, lousa eletrônica, computadores e nem inteligência artificial. Era o tempo do "cuspe e giz".

Tive a honra de conviver com professores cuja atuação e retidão me inspiraram desde os primeiros dias. Profissionais como Antônio Carlos Oliveira, então Presidente do

Tribunal Regional do Trabalho; Militino Rodrigues e Wilson Tomé Sardinha, delegados da Receita Federal; Virgílio Sobrinho, Secretário de Educação; Edvaldo Dantas; o professor Agnaldo, consultor jurídico da Petrobras, entre tantos outros nomes notáveis.

Durante essa trajetória, vivi intensamente os momentos marcantes da instituição. Alguns deles inesquecíveis — como o episódio conhecido como **“Os Quatro Cavaleiros do Apocalipse”**, que culminou na demissão por justa causa dos professores José Laranjeiras, Valmir, Pitanga e Valdeni. Eles haviam denunciado ao Ministério Público supostas perseguições internas e irregularidades na distribuição de carga horária. A promotora Dra. Joseane Suzart acolheu a denúncia, que resultou em ação judicial e consequências profundas. Lamentavelmente, os professores Laranjeiras e Valmir faleceram pouco tempo depois. Pitanga, segundo soube, lecionava em outra instituição e depois indo para o interior mantinha uma barraca de praia no Guaibim. A professora Valdeni, com esforço e dignidade, reconstruiu sua trajetória profissional e foi readmitida durante a gestão 2007–2009, mas dispensada novamente anos mais tarde, em circunstâncias que, em minha opinião, foram mais pessoais que profissionais.

Ao longo dessas cinco décadas, também tive o privilégio de exercer diversos cargos de gestão — todos, com exceção da Diretoria da FAVIC (indicação do estimado professor Jorge Carvalho, então presidente entre 2009 e 2013), período em que ocupei a vice-presidência, por eleição e com expressiva maioria de votos.

Durante nossa gestão, colaborei, juntamente com a professora Dora Ribeiro, na criação, elaboração, aprovação e implementação dos cursos tecnólogos da instituição — exceto o de Logística, que contou com a liderança do professor Paulo Carlos.

Quem me conhece sabe: sempre busquei cultivar amizades, manter lealdade e respeito. Se porventura tenho adversários, não tenho inimigos.

Quero registrar aqui um fato de grande importância para muitos: os certificados de mestrado obtidos na Cairu e devidamente registrados foram fruto de uma árdua jornada que percorri ao lado do professor Jorge. Durante três anos, buscamos instituições que pudessem chancelar os diplomas. Encontramos apoio na UNIT, que aceitou registrá-los. Foi uma conquista que muitos esquecem, mas que para nós foi uma verdadeira questão de honra.

Em 2012, fui alvo de acusações infundadas sobre supostos salários exorbitantes. Para pôr fim às especulações, expus publicamente meu contracheque no mural da sala dos professores. Tenho muitos defeitos e poucas virtudes — mas jamais coloquei a mão em algo que não me pertencesse.

Finalizo com um agradecimento especial ao professor Paulo Cardoso e a toda a Diretoria da Cairu, pela distinta homenagem prestada no ano passado ao nomearem o auditório do 4º andar do Pavilhão Divaldo Marques com meu nome, além da indicação para fazer parte da Academia dos Imortais da Cairu – honraria que me comove profundamente.

Parafraseando o poeta Pablo Neruda, encerro dizendo, com gratidão e orgulho:

“Juro que vivi.”